

Perspectivas asiáticas ¹

Maurício Andrés Ribeiro²

Sumário

1. Introdução - Ásia
2. Índia
3. Japão
4. China
5. Nepal
6. Butão
7. Conclusões
8. Referências

“Mesmo a transição do Paleolítico para o Neolítico no desenvolvimento cultural humano não pode ser comparada com o que está acontecendo agora. Porque estamos mudando não apenas o mundo humano, estamos mudando a química do planeta, a estrutura e o funcionamento geológicos do planeta. Estamos perturbando a atmosfera, a hidrosfera, a geosfera, de um modo que está desfazendo o trabalho da natureza em centenas de milhões, mesmo bilhões de anos.”

Thomas Berry ³

1. Introdução - Ásia

A Ásia tem grande importância no planeta Terra, tanto em termos de extensão territorial como de população, da diversidade de formas de adaptação ao meio e de evolução da consciência. Tem 1/3 das terras continentais do planeta e 3/5 de sua população de mais de 7 bilhões de pessoas. Há grandes diferenças climáticas, ambientais e culturais entre a Ásia central, o extremo oriente, a Indochina, o oriente médio, a Sibéria, o subcontinente indiano, o sudeste da Ásia.

¹ Apresentação no painel sobre Perspectivas plurais da consciência planetária, no VIII Simpósio Filosófico-teológico da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia- FAJE com o título Que fazemos com a Terra que Deus nos confiou? – filosofia, teologia e consciência planetária, Belo Horizonte, outubro de 2012.

² Autor de Ecologizar e de Tesouros da Índia para a civilização sustentável. www.ecologizar.com.br
ecologizar@gmail.com

³ Berry, Thomas, The Great Work, Pg. 73



Figura 1- A Ásia

A Ásia engloba civilizações que se auto sustentaram por milênios tais como a indiana, a chinesa, a japonesa, a persa, bem como outras mais recentes, como a islâmica. Cada uma tem características específicas, distintas cosmovisões e traz contribuições relevantes para a ciência, a filosofia, a espiritualidade e as artes, tanto no passado quanto nos dias atuais. Há contribuições específicas originárias do oriente médio, da Pérsia, da Índia, da China, do Japão, do Butão, da Coreia e de outras partes.

As civilizações milenares que ali viveram e ainda vivem demonstram capacidade de se sustentarem por longos períodos de tempo, seja se auto isolando do restante do mundo (China, Japão), seja por intensa interação, como no caso da civilização indiana, que sofreu migrações ao longo de toda a sua história.

A perspectiva asiática é fértil e diversificada. Na Ásia se vivencia em muitos lugares a convivência entre a tradição e a modernidade, há adaptações sucessivas que viabilizam a sustentação daquelas antigas civilizações. No campo das tradições espirituais, na Ásia surgiram o Confucionismo e o Taoísmo; a logo, o Hinduísmo, o Jainismo, o sikhismo, o Budismo, o budismo tibetano, o Zen budismo e o Xintoísmo, o Islã, o Judaísmo, o cristianismo, o Zoroastrismo farsi monoteísta, o Sufismo, os Bahá'í. Muitas delas tiveram a capacidade de se sustentarem. Essas tradições expressam as quatro formas de relacionamento com Deus: o monoteísmo, o politeísmo, o panteísmo, o ateísmo.

O cristianismo expandiu-se do oriente médio para a Europa e daí para as Américas, a África e a Oceania. Foi do Tibete que os ламas se espalharam pelo mundo, difundindo o budismo, a partir da invasão daquele país pela China.



Figura 2- As religiões do mundo

Em algumas culturas asiáticas – a exemplo da Índia, China e Japão - valoriza-se o mental como o físico. A educação da mente e a consciência corporal, por exemplo, por meio da educação dos movimentos e das mãos, como na caligrafia japonesa. Valoriza-se a consciência corporal por meio de práticas tais como massagem ayurvedica, reiki, yoga, meditação zen budista, artes marciais, tai chi chuan, postura corporal, respiração, relaxamento, automassagem, quiroprática, parto natural, de hábitos alimentares como o vegetarianismo, veganismo.⁴

Muitos países asiáticos atuais foram colonizados pelo ocidente depois das grandes navegações e só vieram a tornarem-se independentes no século XX, após conflitos e tensões. A segunda guerra mundial trouxe a bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki; a aplicação da não violência e dos princípios da Vedanta à luta política, por Gandhi levou à independência da Índia em 1947; ocorreram a revolução comunista de 1949 na China e as guerras da Coreia e a do Vietnã. Atualmente ocorre a ascensão econômica da China e da Coreia; há conflitos no oriente médio, na Síria, em países árabes, no Iraque, no Irã, no Afeganistão, bem como tensões entre China e Japão, entre Índia e Paquistão.

Cada sociedade asiática desenvolveu certos valores e princípios próprios. Algumas foram expansionistas, como o Japão e para manter um padrão de qualidade interna razoável, precisaram recorrer à força militar ou econômica. Apropriam-se dos recursos comuns dos mares (baleias, golfinhos) e de outros países (florestas na Indonésia, por exemplo) para suprir suas demandas. Outras nunca foram expansionistas e desenvolveram formas de viver com o mínimo de pegada ecológica (Índia, por exemplo).

No presente, premidos pelo crescimento da população e das aspirações de consumo material, os países asiáticos veem esgotar-se alguns de seus recursos mais valiosos (água e terras agricultáveis na China e na Índia) e constroem infraestruturas para suprir suas demandas de energia (o nuclear no Japão está em crise pós Fukushima); hidrelétricas na China e na Índia. Há tensão e estresse, pois alguns deles dependem de importar recursos naturais (alimentos, minérios, insumos para a produção) de países da América Latina e da África (A China, por exemplo, arrenda fazendas na África para produzir os alimentos que importa).

⁴ No ocidente, a antroposofia, a bioenergética, a biodança são práticas que valorizam o corpo.

No século XXI eixo econômico do planeta desloca-se do Atlântico para o Pacífico e o que ocorrer na Ásia terá repercussões no planeta como um todo. Este trabalho selecionou 5 dos 49 países asiáticos que apresentam alguns exemplos positivos e inspirações sobre o que fazemos com a Terra. Da Índia apresentamos conceitos da cosmovisão da Vedanta e práticas ecologicamente amigáveis adotadas; do Japão, a sábia relação da população com a água, a floresta e o território; cosmovisões chinesas com forte consciência ecológica; o indicador de felicidade e bem estar desenvolvido no Butão; a tradição budista prevalente no Nepal, com forte componente ecológico. Não nos aprofundamos em outras manifestações relevantes, a exemplo da tradição dos sufis na Pérsia, da tradição Bahá'í com sua visão mundialista, da tradição de ecologia radical jainista.

O foco do trabalho é nos aspectos ecoantropológicos. Não nos aprofundamos em aspectos igualmente relevantes de ciência e tecnologia e de economia.⁵

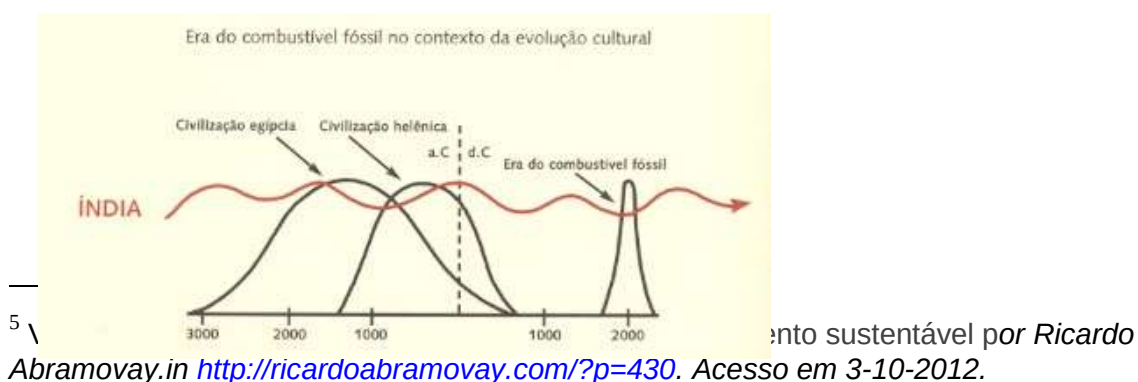
O presente trabalho é exemplificativo e ilustrativo e não pretende oferecer uma visão holística e exaustiva das perspectivas asiáticas. Apresenta tão somente um sobrevoo panorâmico sobre aspectos das civilizações asiáticas com maior ênfase na Índia e no Japão.

2. Índia⁶

Existente há mais de cinco mil anos, a civilização indiana teve a capacidade de auto sustentação, com momentos de relativo declínio e de relativo apogeu, em função dos ciclos sucessivos de influências, com as migrações de vários povos e as invasões de seu território. Nunca foi expansionista; ao contrário, sempre recebeu outros povos, os acomodou em seu território e buscou modos de vida que não pressionassem a capacidade de suporte do ambiente.

Essa civilização demonstra admirável capacidade de sobrevivência, alimenta-se da receptividade e tolerância em relação a culturas e estilos de vida diferentes e desenvolveu princípios como o da *ahimsa*, ou não violência.

Na Índia, há uma perspectiva planetária e cósmica da vida e inúmeras iniciativas com esse tipo de consciência. Sua sustentabilidade pode ser expressa na figura abaixo que mostra que, enquanto outras civilizações tiveram ciclos de ascensão, apogeu e declínio, a indiana perdurou, com altos e baixos, por longo período.



⁵ Essa parte constitui texto revisado e atualizado do livro Tesouros da Índia, disponível online no seguinte link:

http://www.ecologizar.com.br/docs/LivroTesourosdaIndia_MauricioAndresRibeiro.pdf

Figura 3 - A era do combustível fóssil no contexto da evolução cultural e a Índia

Fonte: RIBEIRO, M.A Inserção in: CAPRA.

Entre os valores e qualidades da civilização indiana, salutares para ecologizar a civilização planetária para o século XXI destacam-se os seguintes:

1. A Índia desenvolveu **tolerância a diferenças**, ao acomodar em seu território, durante milênios, imigrantes e descendentes de arianos e drávidas, maometanos e gregos, europeus de Portugal, França, Inglaterra. Com seu fértil vale do rio Ganges, foi sujeita a migrações e os Himalaias foram a barreira natural que a protegeu. Ela absorveu, recebeu, metabolizou influências das inúmeras invasões que sofreu ao longo de sua história e as devolveu transformadas ao mundo. Há unidade de princípios dentro da diversidade étnica, em um país de alta densidade populacional. A Índia, a maior democracia do mundo, com mais de um bilhão de habitantes, tem grande diversidade de línguas, culturas, costumes e apresenta extremas desigualdades sociais e econômicas. Talvez seja, no mundo, o país mais diverso e a sociedade em que se experimentam mais explicitamente os extremos das grandezas e misérias da condição humana. Comportamentos individuais radicais, que seriam considerados loucura em outras partes, ali são socialmente tolerados, como sinais da busca de ligação com o sagrado. Os *sadhus*, que circulam nus pelas ruas, os faquires, que mortificam o corpo de forma radical, os *sannyasins*, que renunciam aos confortos materiais, são exemplos da diversidade de caminhos e escolhas pessoais socialmente aceitos e valorizados. A sociedade nutre os que abandonaram o mundo material para se dedicar a essa busca.

2. A Índia forjou e aplicou o princípio da **não violência** (ahimsa). Presente nos Vedas, antigos textos sagrados, tal princípio foi atualizado pelo budismo e aplicado às relações com a natureza. A sacralização de animais e plantas foi básica para se construir uma cultura com valores ecológicos, que tornou possível a existência milenar daquela população, com baixa degradação ambiental. A aplicação desse mesmo princípio e do princípio das **experiências com a verdade (satyagraha)** serviu para que *Mahatma* Gandhi tivesse sucesso na luta pela independência. Na Índia, levou-se a extremos de sofisticação a relação não violenta com a natureza. A sociedade mundial precisa praticar esse princípio unificador para reduzir a iniquidade e a violência que imperam no cotidiano, perpetrada especialmente contra outras espécies da natureza e contra os mais fracos, as crianças, os índios, os pobres, os doentes e os idosos. A Índia nunca foi expansionista, nunca colonizou pela força ou pela guerra outros territórios.

3. A Índia independente tem conseguido aos poucos **reduzir as desigualdades** entre pobres e ricos, o que amplia as perspectivas de ascensão social dos cidadãos e contribui para a redução da violência.

4. **Princípios budistas e gandhianos**, ambos concebidos e aplicados naquela cultura, podem ser chaves conceituais para o desenvolvimento sustentável e

ecologicamente prudente. A noção de fideicomisso (*trusteeship* em inglês), por exemplo, considera os proprietários como guardiões ou zeladores de patrimônio coletivo. Sua riqueza tem um fim social de interesse coletivo, não se prestando apenas à auto-satisfação. A simplicidade no estilo de vida e o não consumismo são pilares da economia ecológica de tradição budista. A tradição hindu sacralizou plantas e mesmo bichos e os tratou como deuses (o elefante Ganesh, o macaco Hanumam, entre outros).

5. A Índia acumula um tesouro de saberes úteis para um mundo em busca de sustentabilidade e que necessita ecologizar-se. O **Dharma** é um deles. Aquele país acumulou, durante milênios, amplo conhecimento de como lidar com a sustentabilidade, conceito que se encontra na raiz da palavra **dharma**, que tem múltiplos significados. Dharma provém do sânscrito *dhr*, que significa sustentar, carregar: “*É a lei, aquilo que sustenta, mantém unido ou erguido*” observa Heinrich Zimmer, no seu livro “Filosofias da Índia”. O *Dharma* ajuda a explicar como aquela civilização se sustentou durante milênios e não entrou em colapso, como ocorreu com outras sociedades mais recentes. O cumprimento do *dharma* é importante para que se possa atingir a civilização sustentável. Além disso, o conceito indiano de *dharma* – que enfatiza a responsabilidade e o cumprimento do que o destino reserva a cada um – tem efeitos benéficos na formação ética da população. Um governo baseado nesse conceito, a ‘dharmacracia’, seria superior à democracia, pois esta última enfatiza os direitos individuais, esquecendo-se por vezes das responsabilidades de cada um. Nesse ponto cabe lembrar Sri Aurobindo:

“Já se disse que a democracia é baseada nos direitos do homem; respondeu-se que ela deveria basear-se nos deveres do homem; mas tanto direitos como deveres são ideias européias. Dharma é a concepção indiana na qual direitos e deveres perdem o antagonismo artificial criado por uma visão do mundo que faz do egoísmo a raiz da ação, e restabelece sua profunda e eterna unidade. Dharma é a base da democracia que a Ásia deve reconhecer, porque nisso está a distinção entre a alma da Ásia e a alma da Europa.”

6. Na Índia, grandes avanços para **compreender a consciência de forma integral** foram feitos por mestres tais como o Buda, pelos antigos sábios que formularam a Vedanta e codificaram o Yoga. Essa linhagem continuou no mundo moderno com gurus ou mestres como Ramana Maharshi, Vivekananda, Krishnamurti, os teosofistas, os Brahma Kumaris, Swami Dayananda e por Sri Aurobindo, entre outros. Ali se encontra um patrimônio de reflexões sobre a consciência, abordada de forma abrangente. Ele extrapola visões limitadas de ramos dominantes da psicologia e da ciência, que não admitem a existência de dons ou de níveis mais altos da consciência, por não serem mensuráveis.

Nas antigas tradições espirituais que aceitam a reencarnação, a relação com o tempo é menos estressada, porque aquilo que não for possível realizar nessa vida poderá ser feito em vidas futuras. O tempo é compreendido como fenômeno cíclico, ao contrário da concepção linear ocidental. No pensamento religioso hindu, a criação de cada universo pressupõe a destruição do anterior. A concepção da existência de *yugas*, ou grandes eras cíclicas, corresponde à ideia de expansão e contração do universo, desenvolvida pela cosmologia ocidental. De acordo com o pensamento hindu, o universo cósmico ora se manifesta ora permanece em estado potencial.

7. A civilização hindu da Vedanta valorizou e cultivou estados de consciência como o meditativo e contemplativo. São crescentemente reconhecidos os efeitos benéficos da **meditação** sobre a saúde individual. A ciência e arte da meditação fazem perceber e prevenir a dor, previnem doenças cardiovasculares, fazem resistir aos apelos das drogas. O estado meditativo altera emoções, limpa a mente dos pensamentos desnecessários, diminui ansiedade e estresse, aumenta a concentração, a criatividade, fortalece a intuição e a inspiração. Evita antecipar medos e sofrimentos silencia a mente. Práticas de meditação conduzem o praticante a um estado de equilíbrio emocional, de harmonia interior e de relaxamento em que são diminuídas a frequência respiratória, a quantidade de oxigênio consumida pelo metabolismo e a produção de gás carbônico na expiração. Elas tonificam o corpo, corrigem desvios posturais, melhoram o convívio social. A mente influi no corpo. Uma atitude básica da meditação é o focar a atenção na respiração, pois quando se observa o movimento do ar para dentro e para fora dos pulmões, deixa-se de pensar no passado ou no futuro e a atenção orienta-se para o momento presente. Podem-se reduzir as demandas compulsivas de bens materiais por meio da meditação, da contemplação.

Uma das tradições mais radicalmente ecológicas é a jainista. Ali, o ideal para a vida e para a espécie humana é o da inatividade, da vida contemplativa, reduzindo ao mínimo a interferência sobre a natureza. Chegar à pura contemplação e observação da vida, da natureza e das coisas é meta ambiciosa que tem repercussões ambientais positivas. À medida que se reduz ao essencial a alimentação, a respiração, o consumo de objetos, substituídos pelo uso intensivo do corpo, reduzem-se os impactos e pressões negativos sobre os recursos naturais, tais como água, o solo, as florestas. Esse comportamento viabiliza a existência de maior população, com menor impacto ambiental. A postura minimalista diante da vida – consumindo o mínimo de alimentos, de ar, controlando o próprio corpo, como no yoga – constitui ideal a ser atingido. Essa postura exige autocontrole, domínio das compulsões subjetivas e do ego e conhecimento da ecologia interior e pessoal.

A qualidade dos pensamentos pode ser melhorada quando se altera o estado de consciência, de vigília normal para o estado de meditação ou contemplativo; a meditação é um caminho para se lidar com a crise ecológica e ambiental ao reduzir a incidência da *shopping terapia* induzida por frustrações psicológicas, pois o consumismo é um dos grandes impulsionadores da devastação ambiental.

Um dos ideais subjetivos para a vida é o da inatividade (nesse ponto há uma correspondência com o **wu-wei** – o *agir pelo não agir* chinês), da vida contemplativa, com mínima interferência sobre a natureza. Reduzir ao mínimo a utilização dos recursos naturais, de objetos de consumo, alimentos, vestuário, espaço, energia e chegar à pura contemplação e observação da vida, da natureza e das coisas são meta interior ambiciosa com repercussões externas. A meditação reduz os efeitos degradadores da ação sobre os valores morais e o ambiente. Valoriza-se estilo de vida minimalista, que preserva a natureza dos danos do consumo desenfreado. Uma postura minimalista significa um máximo de satisfação, felicidade, alegria, com o mínimo de objetos. A atitude de desprendimento e a postura contemplativa desenvolvem um relacionamento com o mundo exterior sem sentimentos de posse sobre ele.

8. O **Yoga** ancestral é uma fonte de sabedoria. A palavra Yoga vem da raiz Yuj, que significa combinar, fundir, juntar. Yoga é religação, reconexão com o todo. É a

ciência e a arte de ajudar o indivíduo a emergir de volta em sua totalidade não individualizada. Os antigos iogues desenvolveram a prática de exercícios respiratórios como forma de concentração. Essa tradição desenvolveu técnicas de controle da respiração e modos de inspirar e expirar a energia que mantém a vida e que está presente em toda a natureza, conhecida como *prana*. As práticas de yoga utilizam diversas posturas (*asanas*) e exercícios respiratórios (*pranayamas*) para aprimorar o uso do corpo. Para a tradição indiana, o próprio universo é criado e extinto de acordo com o ritmo da respiração do deus Brahma, que, ao expirar ou inspirar, regula os ritmos universais. Em suas várias vertentes e especialmente no yoga integral de Sri Aurobindo (“Toda a vida é yoga”) sistematizam-se conhecimentos que ampliam a auto percepção e a do ambiente e reduzem a possibilidade de sermos manipulados por agentes externos (pessoas, medicamentos, ervas, etc.) O Yoga considera cada experiência como oportunidade de aprendizagem. O Yoga adota posturas, práticas corporais e respiratórias (*pranayama*), ativa potencialidades latentes do corpo. **O espiritualismo da cultura indiana se ancora na matéria**, vista como manifestação ou corporificação do espírito. Ele valoriza tanto os aspectos físicos e corporais, quanto os aspectos mentais e emocionais. Os fundamentos materiais dessa espiritualidade foram testados em milênios de história e deu-se muita atenção à consciência sobre atos elementares como respirar, movimentar-se, alimentar-se. É uma sociedade secular que aceita todas as religiões. Ali em parte se sonha e se vive na mitologia, em um universo sem limites e, em parte, há uma postura pragmática, quando pratica o espiritualismo experimental, o ver para crer. A cabeça e o espírito da sociedade estão nas nuvens: voltar os olhos para o céu é preciso porque os fenômenos climáticos, como as chuvas das monções, determinam o resultado da agricultura, básica na economia do subcontinente indiano. Mas os pés estão na terra e assentam-se na realidade material.

O raja-yoga reconhece a influência dos pensamentos sobre a saúde. Por isso enfatiza a necessidade de depurá-los e de compreender o que é a consciência. Para o *raja-yoga*, a consciência é condicionada pela identidade de religião, raça, língua, nacionalidade, profissão e influenciada por elementos culturais, sociais, geofísicos e por mudanças no humor e estado de espírito. A consciência independe do corpo físico; já existia antes dele e continuará a existir depois que ele se for. A primeira vez que tomei contato com o raja yoga foi em 1977, quando assisti a uma peça de teatro em Bangalore, encenada pelos Brahma Kumaris. Naquela peça cada personagem tinha seu papel – reis, soldados, servos, princesas, sábios entre outros. Mas o que importava não era o papel representado em cena, mas sim a forma de sair de cena. Alguns saíam à francesa, de fininho, outros saíam atirando, inconformados, cada qual tinha seu próprio modo de retirar-se de cena. A peça era uma alegoria da própria vida, um processo no qual, desde o nascimento, há uma contagem regressiva até o momento da morte ou da passagem para outro plano de existência.

9. Cultura ecológica e ecodesign social - No que se refere à ecologia e ao meio ambiente, a Índia apresenta feições contraditórias. Por um lado, tendo se libertado da colonização inglesa em 1947, o país ainda não foi capaz de suprir o déficit de infraestrutura herdado de séculos de exploração colonial: assim, há sujeira e falta de saneamento básico em toda parte. Por outro lado, é admirável a competência da sociedade indiana para suprir necessidades materiais com mínima pressão sobre o meio ambiente. Na alimentação, adotou-se o vegetarianismo, menos impactante sobre o ambiente e o clima do que outros hábitos alimentares: a quantidade de

água, a quantidade de insumos agrícolas e a área de terra necessárias para alimentar vegetarianos é muito menor que as necessárias para alimentar carnívoros. Os estudos de ecologia energética revelam a superioridade dos alimentos de origem vegetal sobre os de origem animal quanto à produtividade energética. O vegetarianismo baseia-se no princípio do *ahimsa*, a não violência estendida ao mundo animal.

As pessoas educam posturas corporais para sentar-se ao chão e não utilizar cadeiras ou móveis. O mobiliário caseiro é, portanto, reduzido. Também não são necessários objetos como talheres, pratos e outros utensílios, pois o uso do corpo supre as necessidades. A mão direita, por exemplo, é usada para levar os alimentos à boca, dispensando talheres; enquanto a mão esquerda é usada na higiene pessoal. Esses hábitos, seguidos por milhões de pessoas, reduzem significativamente o consumo de recursos naturais. Em relação ao vestuário, predominam para as mulheres, os modelos clássicos de sáris, confortáveis, que não se submetem às variações da moda e para os homens, o dothi, um retângulo de tecido enrolado no corpo. A inexistência de modelagem sofisticada e complexa maximiza o aproveitamento dos tecidos, e o vestuário é em geral bastante adequado ao clima tropical. O uso de calçados apropriados e igualmente confortáveis e de material durável, somado à tradição de andar descalço dentro dos ambientes domésticos também reduz bastante o uso da energia elétrica e de materiais de limpeza intensivos em energia, além de facilitar o trabalho humano diário.

Esses são alguns exemplos de como a forma de vida individual e na família contribui para evitar a sobreutilização dos recursos naturais.

A economia de meios para desempenhar as atividades diárias, em casa ou no trabalho, a economia de mobiliário, objetos e implementos, os hábitos alimentares vegetarianos, o uso intensivo do corpo e o modo de relacionamento com os animais, tudo isso revela uma cultura que faz mais com menos, respeita o meio ambiente e evita desperdiçar recursos naturais. Essas qualidades talvez sejam mais evidentes em uma aldeia indiana do que em qualquer outro tipo de assentamentos humanos, pois elas se abastecem em grande parte nas proximidades com água, energia, alimentos, materiais de construção etc.

A civilização indiana soube reduzir ao mínimo as pressões sobre o meio ambiente, por meio da adoção de hábitos de consumo frugais. Em um jantar, do qual participei, em Kenchenkuppe, pequena aldeia situada próxima de Bangalore, no Sul da Índia, o alimento é vegetariano, hábito alimentar eficiente do ponto de vista da ecologia energética, porque demanda menor quantidade de insumos, como terra, água, energia, do que as dietas baseadas em proteínas animais. Ele é servido em pratos de folhas, biodegradáveis, costuradas com pequenos palitos. Come-se com a mão, sentado no chão, e o uso intensivo do corpo elimina objetos, tais como talheres, pratos, móveis e utensílios. Sentar-se no chão, comer com a mão direita, realizar a higiene pessoal com a mão esquerda, usar água na higiene pessoal, pequenos gestos multiplicados por milhões de pessoas têm efeito redutor de pressões sobre os recursos naturais. Deixam de ser necessários objetos de uso e bens de consumo, devido à codificação cuidadosa do uso do corpo. O yoga milenar desenvolveu sofisticada tecnologia de uso do corpo e de autoconsciência corporal, com exercícios respiratórios e posturas.

A organização do espaço da casa ou da comunidade reduz necessidades de energia e de materiais. Nas aldeias, o estrume usado como adubo orgânico nos campos é coletado em pátios onde o gado é levado para passar a noite. As redes de

aldeias próximas entre si reduzem a necessidade de transporte de longa distância, economizando a queima de combustíveis fósseis. Tais comportamentos adotados coletivamente e culturalmente reproduzidos baseiam-se em princípios teóricos como o da *ahimsa*, ou não violência. Esse princípio privilegia a verdade e significa “ausência de falta de amor”, aplicando-se tanto ao mundo humano como ao mundo animal e vegetal. Valores ali adotados, tais como a não violência, a tolerância e o respeito à diversidade biológica e cultural, são centrais numa cultura ecologizada.

A inatividade e a contemplação não produtivistas constituem valores com profundo efeito ecológico: quanto menos se criam necessidades de consumo, menor será a pressão para transformar os recursos da natureza.

10. Pegada ecológica - Um dos principais indicadores para aferir o quanto uma pessoa, um país ou uma sociedade é sustentável é a pegada ecológica, que mostra quantos hectares de terra produtiva per capita são necessários para sustentar o estilo de vida de um indivíduo, de uma cidade ou de um país. Um alemão médio necessita de 4,8 hectares; um brasileiro, de 2,2 ha; **na China 1,6 ha**; nos Estados Unidos 9,6 ha; **na Índia 0,7 ha**; no Japão 4,3 ha. A média mundial é de 2,3 hectares. A maior pegada ecológica é do cidadão norte-americano. Se toda a população do planeta adotasse estilo de vida similar ao norte-americano, seriam necessários quatro planetas Terra. Comparada com outros países, a Índia tem uma pegada ecológica quatorze vezes mais leve do que a norte-americana e três vezes mais leve do que a média mundial.

Seria equivocado associar a pegada ecológica leve de um indiano com a miséria e o baixo consumo de bens materiais. Hipótese mais adequada é de que isso resulta das formas de organização social e familiar e de arquitetura funcional; de assentamentos humanos descentralizados e que se abastecem de alimentos, águas, energia e materiais nas proximidades, sem necessidade de grandes deslocamentos; da proximidade casa-trabalho, da mobilidade a pé, movida a energia humana ou animal; do transporte ferroviário; da alimentação vegetariana e do consumo de alimentos produzidos localmente; dos hábitos frugais de consumo e conseqüente baixa geração *per capita* de resíduos. Em resumo, resulta do *ecodesign* da sociedade, que reduz ao mínimo o uso dos recursos naturais, de objetos de consumo, alimentos, vestuário, espaço e energia. Tais comportamentos derivam de valores e ideias não utilitaristas - tais como a sacralização de bichos e plantas - e de consciência ecológica que se aprende culturalmente desde o berço e torna-se parte dos costumes e usos sociais, reduzindo a necessidade de que essa aprendizagem seja feita por meio da educação formal escolar. Hábitos de vida frugais, associados a um design social inteligente, seguidos por milhões de pessoas na Índia, reduzem significativamente o consumo de recursos naturais e compõem a combinação de motivos que ajuda a explicar a sua reduzida pegada ecológica (0,7ha/hab) e a torna portadora de tesouros culturais valiosos para a sustentabilidade. Apenas uma pequena parte da pegada ecológica é devida a necessidades físicas do corpo. O maior peso de uma pegada ecológica deve-se a demandas geradas no campo da mente e das emoções, ou ao fato da organização espacial onde vivem as pessoas ser pouco funcional. Valores pós-materialistas ou neo-espiritualistas induzem atitudes de consumo material sustentável que ajudam a manter a saúde ambiental.

Se imaginarmos a possibilidade de que o planeta venha a ser socialmente mais justo, a Índia dispõe de uma margem de crescimento razoável de sua pegada ecológica, que lhe permitirá investir em infraestrutura e sanar problemas de

saneamento sem pressionar significativamente os recursos do planeta. Diferentemente de nações que precisaram colonizar outros territórios para se apropriarem de recursos para atender a suas demandas, a Índia nunca precisou expandir-se e dominar outros povos. Uma pegada ecológica leve é uma qualidade valiosa em um mundo com recursos limitados e população crescente, no qual é cada vez mais necessário conservar energia, reduzir a emissão de gases de efeito estufa e descarbonizar a economia e ao mesmo tempo viver em paz e de forma não violenta.

11.A Índia vista por indianos

A Índia é berço de seres humanos excepcionais. Nos últimos tempos destacam-se gurus como Sri Aurobindo, Ramana Maharshi, Vivekananda, Ramakrishna, Krishnamurti; o Mahatma Gandhi, o poeta prêmio Nobel Rabindranath Tagore.

Em seminário sobre o futuro, do qual ali participei, comparava-se o desenvolvimento recente da Índia com o da China, que conseguiu, em poucas décadas, reduzir a extrema pobreza material. Os indianos manifestaram a convicção de que também alcançariam tais resultados, porém sem sacrificar valores e princípios que para eles são sagrados, tais como o da liberdade individual.

Sri Aurobindo:

“Já se disse que a democracia é baseada nos direitos do homem; respondeu-se que ela deveria basear-se nos deveres do homem; mas tanto direitos como deveres são ideias europeias. Dharma é a concepção indiana na qual direitos e deveres perdem o antagonismo artificial criado por uma visão do mundo que faz do egoísmo a raiz da ação, e restabelece sua profunda e eterna unidade. Dharma é a base da democracia que a Ásia deve reconhecer, porque nisso está a distinção entre a alma da Ásia e a alma da Europa.”

A tradição científica já vem de longe na história indiana, como observa Sri Aurobindo:

“Em que campos a Índia não tentou, alcançou, criou, e em todos em uma grande escala e ainda assim com muita atenção e plenitude de detalhes? Não se questionam, realmente, suas conquistas espirituais e filosóficas. Elas estão aí, como os Himalaias estão sobre a terra, como na frase de Kalidasa, ‘como se fossem o bastão de medida da terra’, mediando ainda entre o céu e a terra, medindo o finito, atirando seus picos distante no infinito, penetrando suas extremidades nos oceanos superiores e inferiores do superconsciente e do subliminar, do espiritual e do ser natural. Mas se suas filosofias, suas disciplinas religiosas, sua longa lista de grandes personalidades espirituais, pensadores, fundadores, santos, são sua maior glória, como foi natural em seu temperamento e ideia governante, eles não são de forma alguma suas únicas glórias, nem as outras são diminuídas por sua eminência. Hoje está provado que, na ciência, ela avançou mais longe do que qualquer país antes da era moderna, e mesmo a Europa deve o início de sua ciência física à Índia, tanto quanto à Grécia, embora não diretamente, mas por intermédio dos árabes. E, mesmo que ela tivesse ido somente até essa distância, isso seria prova suficiente de uma forte vida intelectual em uma cultura antiga. Especialmente nas matemáticas, na astronomia e na química, os elementos-chave da ciência antiga, ela descobriu e formulou muito e bem, e antecipou pela força do raciocínio ou do experimento algumas das idéias e descobertas científicas às quais a Europa somente chegou

muito mais tarde, mas foi capaz de basear mais firmemente por seu método novo e mais completo. A Índia foi bem equipada em cirurgia e seu sistema de medicina sobrevive até nossos dias e ainda tem seu valor, embora tenha declinado em conhecimento e somente agora esteja recuperando sua vitalidade.⁷

Vishnu purana, Escritura hindu referente ao deus da preservação, Vishnu. A descrição mitológica contida no *Vishnu purana* corresponde à descrição científica ocidental da dilatação do Sol e sua transformação, daqui a alguns bilhões de anos, em uma estrela gigante vermelha, quando seu calor envolverá a Terra.

“No fim de mil períodos de quatro idades, que completam um dia de Brahma, a Terra está quase exausta; então Vishnu assume o caráter de Destruidor (Shiva) e volta a reunir todas as criaturas em si mesmo. Entra nos Sete Raios do Sol e absorve todas as águas do globo, faz evaporar a umidade, secando toda a Terra. Alimentados com esta umidade, os Sete Raios solares se convertem em sete sóis por dilatação e, finalmente, põem fogo no mundo. Hari, o destruidor de todas as coisas, consome por último a Terra.”

Mahatma Gandhi:

“A civilização, no verdadeiro sentido da palavra, não consiste em multiplicar nossas necessidades, mas em reduzi-las voluntariamente, deliberadamente.

“O nacionalismo não é o conceito mais elevado, a comunidade mundial é o conceito mais elevado. Eu não gostaria de viver nesse mundo se ele não se tornasse um mundo unido. O nosso objetivo é o mundo único; temos que trabalhar por ele e pela fraternidade humana.”

“É óbvio para mim por que os antigos sábios selecionaram a vaca para a apoteose. A vaca, na Índia, era a melhor companhia: ela era doadora de vida. Não somente ela dava o leite, mas também tornou a agricultura possível. Ela é a segunda mãe para milhões, na humanidade.”

Rabindranath Tagore:

“Ao encontrar a solução para nosso problema, teremos ajudado a resolver também o problema do mundo. O que a Índia já foi, o mundo todo é agora. O mundo todo se está tornando um único país por meio das facilidades científicas. Está chegando o momento em que precisamos também encontrar uma base de unidade que não seja política. Se a Índia puder oferecer ao mundo sua solução, ela será uma contribuição para a humanidade. Há somente uma história - a história do homem. Todas as histórias nacionais são meros capítulos da história maior. E estamos felizes, na Índia, por sofrer por tão grande causa.”

“A missão da Índia foi como a da anfitriã que tem que prover acomodações apropriadas para numerosos hóspedes, cujos hábitos e necessidades são diferentes uns dos outros. Isso causa complexidades infinitas, cuja solução depende não meramente de tato, mas de simpatia e de um verdadeiro entendimento da unidade do homem.”

A.B.Patel:

“A Índia está destinada a ter um grande papel na reconstituição global. Sri Aurobindo atribui à Índia um papel crucial - um destino poderoso e uma pesada responsabilidade - porque ele considera que a Índia é o repositório da consciência

⁷ AUROBINDO, Sri. *Complete works*.

espiritual, o guardião da Verdade, e ele enxerga que, na nova era da unificação global, o ser nacional da Índia vai atuar como uma lança, rompendo as formações mundiais atuais e dando nova forma à história. De seu ponto de vista, a herança espiritual da Índia e sua renascença tornam-se significativas não somente para seu próprio crescimento e realização, mas também no destino da unidade da humanidade.”

3. Japão: água e floresta

Decisões sobre o meio ambiente influenciam o futuro das sociedades. Entre as mais estruturantes estão aquelas de como se relacionar com as florestas. Algumas sociedades trataram amigavelmente as florestas e foram sustentáveis, enquanto outras, que não souberam fazê-lo, entraram em colapso. Lições podem ser aprendidas com os exemplos do Japão.

O Japão aprendeu há séculos a se relacionar de forma amigável com florestas e águas. Com área total de 372 mil km² (equivalente à do Rio Grande do Sul) e com 125 milhões de habitantes, a densidade média da população é de 314 habitantes por km², cerca de 20 vezes maior do que a média brasileira. As densidades de ocupação do solo são muito altas nas cidades. Cercado de mares e rico em fontes de água, o Japão tem topografia montanhosa - 70% da superfície constituem os Alpes japoneses, espinha dorsal do arquipélago, com ocupação humana rarefeita. Hoje os Alpes japoneses são, em sua maior parte, ocupados por florestas, que servem para a proteção dos solos e o controle da erosão e para reduzir o assoreamento nos vales férteis. Associações florestais exploram e comercializam a madeira, usada para mobiliário e construção civil. A floresta demora 80 anos para ser explorável, sendo considerada como poupança, mais do que como investimento de retorno em curto prazo. Programas de florestamento de encostas e de proteção à cobertura vegetal por meio de cooperativas florestais reduziram as inundações nas planícies e os prejuízos à economia agrícola. Mas isso nem sempre foi assim. Havia grande demanda por madeira para construir os castelos e casas. As cidades sofriam com terremotos e incêndios que exigiam periódica reconstrução e a lenha era usada para cozinhar alimentos, como combustível para produzir telhas e cerâmica.

O Japão mostra que a aprendizagem coletiva é um processo cultural em que se aprende a partir dos erros, em aproximações sucessivas. Observaram-se causas e consequências do desmatamento: deslizamentos de encostas e erosão de solos, que se depositam nos vales, o que leva a inundações, que causam prejuízos à agricultura, tendo como consequências a redução de oferta e o encarecimento de alimentos, a inquietação social, a instabilidade e a insegurança política. O Japão buscou, no exterior, o apoio de quem conhecia bem as inundações: contratou os holandeses, que sabem conter o mar com diques e evitam com que as terras baixas se inundem. Entretanto, suas propostas não tiveram sucesso, pois não estavam habituados a lidar com ecossistemas montanhosos. Os japoneses observaram, então, que eram menores as enchentes numa região em que se protegiam as montanhas com florestas. Disseminaram aquelas práticas em todo o país. O florestamento dos Alpes japoneses conteve erosões e sedimentos e reduziu inundações. Hoje, o Japão ensina a convivência harmônica com a água. Nas

idades, evita-se que córregos sejam aprisionados em canais fechados, o que aumenta riscos de prejuízos quando ocorrem grandes fluxos de água. As cidades voltam-se de frente para os lagos, rios e regatos. Criam-se parques lineares nos fundos de vales urbanos e, quando ocorrem enchentes, não há grandes prejuízos econômicos ou mortes. Promove-se a reintegração urbana da paisagem ribeirinha e dos seus animais. A água é um elemento central no paisagismo e nos jardins japoneses. O solo mantido permeável evita que a água de chuva escorra diretamente para os rios; ela infiltra lentamente no solo.

No Japão, há um sentido de proteção interna, há impulsos imperialistas contidos pela força militar. A proteção interna das florestas e das águas não significa a proteção de mares e bens fora do Japão, que é um grande importador de madeira proveniente de florestas tropicais, que explora os recursos dos mares e a pesca da baleia, que também importa a carne produzida na Austrália e em outros países, já que esse é um produto muito caro no Japão. A apropriação dos recursos dos mares pelos pescadores japoneses de baleias e golfinhos e a exploração de florestas em outros países, como na Indonésia, são exemplos de tal propensão expansionista em busca de recursos em outras partes. O Japão pode ser visto como uma grande colmeia, em que abelhas operosas e altamente organizadas trabalham coletivamente para o bem comum. Entretanto, torna-se agressivo quando atacado ou quando lhe faltam os recursos para se abastecer.

No Japão, a tradição zen-budista valoriza o vazio; o modelo ideal é chegar ao nada, ao vácuo. Quanto mais se eliminarem os aspectos supérfluos, decorativos, os adereços não estritamente úteis, mais se aproxima do ideal zen. O belo é aquilo que é simples, despojado, limpo, e isso se reflete na arquitetura japonesa, na decoração, no planejamento do espaço, no jogo de cheios e vazios.

No Japão, que se desenvolveu em isolamento relativo, por sua condição geográfica, surgiu o xintoísmo e o zen-budismo.

4. China

A China, que se via como o império do meio e o centro do mundo, construiu uma muralha que proporcionou seu isolamento. Ali surgiram e se desenvolveram o confucionismo, o taoísmo, o tao te king, o I Ching.

Na China, a filosofia de Confúcio enfatizava a harmonia, a hierarquia e a ética política, social, familiar. Entre os princípios morais valorizavam-se a benevolência, lealdade, coragem, sinceridade, boa fé, respeito filial. Havia a ênfase na virtude e no comportamento exemplar dos governantes, ao agir com retidão, dando o exemplo de cima para baixo. Enfatizava a reciprocidade no relacionamento. Enfatizava também os papéis na sociedade (e aqui há uma aproximação com o conceito de dharma, dos indianos). Tudo era regido pela energia primordial: ki (de certo modo, correspondente à energia kundalini dos indianos).

Lao Tsé, com o Tao Te Ching (Tao é o caminho, a direção) é a expressão mais conhecida do taoísmo, complementar a Confúcio: valoriza a espontaneidade, a comunhão com a natureza e a adaptação aos ritmos do universo, a paz interior, a prudência, a moderação, a conduta moral. Da tradição taoísta chinesa deriva o *wu-wei*. *Wu-wei* é agir pelo não agir, transformando a não ação num ato deliberado. A aplicação desse princípio na gestão ambiental evita que se cometam atos imprudentes, precipitados, com consequências danosas e sofrimentos que tais atos podem acarretar. Não agir, não agir de forma atabalhoada, podendo causar efeitos

colaterais, também são formas de ação. A ação correta implica prudência, eficácia, agir na hora certa, minimizando desgastes e impactos negativos.

Em 03 de agosto de 2012 o jornalista **Juan Arias** publicou artigo sobre o drama de uma China sem água em que afirma tal escassez causará mais conflitos do que o comunismo e que essa falta de água ameaça a sobrevivência da população chinesa, citando um informe de Norman Gall, diretor do Instituto e Economia Mundial Fernand Braudel. O país tem 19% da população do globo e apenas 6% da água potável.

5. Nepal: budismo

O Buda nasceu na fronteira de Índia e Nepal, tendo-se disseminado pela China, Japão, Tailândia. No Ocidente, o budismo foi mais bem conhecido apenas a partir do século XIX, apesar de sua história de 2.500 anos.

Depois de 2.500 anos, os conhecimentos budistas se disseminam para o mundo a partir da Índia e do Nepal. Essa disseminação recente foi facilitada pela invasão do Tibete pela China, obrigando os Lamas a deixarem seus refúgios do Tibete. Em Daramsala, na Índia, vive o Dalai Lama, principal chefe espiritual dos budistas. Centros e monastérios do budismo tibetano espalham-se no Nepal. Em Katmandu, instalou-se um centro de budismo ocidental, que facilita a disseminação dos ensinamentos de Buda. O Instituto Marpa oferece cursos ministrados por Rinpoches, ou mestres. Temas como os da ilusão, da impermanência, do sono e do sonho, do vazio do dualismo, as aflições e o sofrimento causados pelo estado confuso de nossa mente são tratados em sessões frequentadas tanto por estudantes ocidentais como por discípulos orientais. O budismo nunca provocou guerras ou derramou sangue, como outras religiões teístas o fizeram. Talvez isso explique o seu rápido crescimento em todo o mundo.

Os princípios da economia budista foram abordados por E. F. Schumacher, no seu livro *O negócio é ser pequeno*, no qual descreve as virtudes da concepção frugal de vida adotada pelos budistas.

A ideia de abstenção está presente nos principais preceitos budistas e na sua ética:

- Abster-se de causar danos a outros seres vivos, aplicando a não violência ao mundo humano, animal e vegetal.
- Abster-se de tomar algo que não seja dado, incluindo-se tanto bens materiais como imateriais, dinheiro ou ideias. A apreciação não pode ser realizada plenamente se existe o impulso pela apropriação do mundo.
- Abster-se de conduta sexual inadequada, dominada pelas compulsões, pela ambição e pelo desejo.
- Abster-se de faltar com a verdade, já que a mentira é uma forma verbal de violência.
- Abster-se de nublar a mente com drogas ou bebidas.

Dentre as verdades constatadas pelo Buda, encontra-se a da existência do sofrimento causado pelo desejo egoístico. Ele afirma que o sofrimento pode ter fim com a cessação do desejo e propõe o caminho dos oito passos para o término do sofrimento: visão, emoção, discurso, ação, estilo de vida, assim como esforço, consciência e concentração perfeita.

Ao valorizar a compaixão e a sabedoria, o budismo oferece elementos para a disseminação de comportamentos não agressivos contra o meio ambiente e que ajudam a encontrar caminhos de desenvolvimento tanto individual como coletivo, mais amigáveis em relação à natureza.

Ao acreditarem na impermanência e na reencarnação, os budistas permitem-se reduzir o seu nível de necessidades e de consumo, já que não lhes convém apropriar-se de tudo nessa vida. A tradição budista tem muito a oferecer em termos de valores ecológicos e pacifistas.

6. Butão: Felicidade Interna Bruta - FIB

Durante a Rio+20 houve debates sobre os indicadores para se medir a riqueza, questionamentos do PIB- Produto Interno Bruto e do IDH- Índice de Desenvolvimento humano e foi proposto um IRI- Índice de Riqueza Inclusiva. Um indicador que tem sido muito considerado é aquele da Felicidade Interna Bruta – FIB. Trata-se de um indicador sistêmico criado em 1980 no Butão com apoio do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Conforme a Wikipedia, “ O termo foi criado pelo rei do Butão, em resposta a críticas que afirmavam que a economia do seu país crescia miseravelmente. Esta criação assinalou o seu compromisso de construir uma economia adaptada à cultura do país, baseada nos valores espirituais budistas. Assim como diversos outros valores morais, o conceito de Felicidade Interna Bruta é mais facilmente entendido a partir de comparações e exemplos do que definido especificamente. Enquanto os modelos tradicionais de desenvolvimento têm como objectivo primordial o crescimento económico, o conceito de FIB baseia-se no princípio de que o verdadeiro desenvolvimento de uma sociedade humana surge quando o desenvolvimento espiritual e o desenvolvimento material são simultâneos, assim se complementando e reforçando mutuamente.”

Especialistas em estatística, economia e bem-estar têm procurado formular uma métrica sistêmica e promover um diagnóstico participativo para identificar as potencialidades e vulnerabilidades de uma comunidade. O FIB se baseia na premissa de que o objetivo principal de uma sociedade não deve ser somente o desenvolvimento econômico, mas a integração de vários campos.

Ele considera nove dimensões que são:

- Padrão de vida econômica
- Governança
- Educação
- Saúde
- Vitalidade comunitária
- Proteção ambiental
- Acesso à cultura
- Uso equilibrado do tempo
- Bem-estar psicológico

Conforme a Wikipedia, são pilares da FIB:

- Promoção de um desenvolvimento socio-econômico sustentável e igualitário
- Preservação e promoção dos valores culturais
- Conservação do meio ambiente natural

- Estabelecimento de uma boa governança

7. Conclusões

“Todos nós temos nosso trabalho particular. Temos uma variedade de ocupações. Mas além do trabalho que desempenhamos e da vida que levamos, temos uma Grande Obra na qual todos estamos envolvidos e ninguém está isento: é a obra de deixar uma era cenozóica terminal e ingressar na nova Era Ecozóica na história do Planeta Terra. Esta é a Grande Obra” (p. 7).

Thomas Berry (1999)⁸

7.1. Unidade da espécie

Vivemos num tempo de transformações aceleradas, em parte provocadas por nossa ação. Somos agentes de ruptura, nesse período antropoceno da história do planeta, no qual cabe realçar a inserção da espécie no meio natural. Nesse período da história da Terra em que ocorrem a 6ª grande extinção e as mudanças climáticas, o ser humano é um grande causador dessas transformações.

O meio ambiente resulta da interação da espécie humana com os ecossistemas naturais e com os artefatos e objetos criados pelo próprio homem.

Para além das consciências de classe, nacional, individual, da consciência social e política, está a consciência de espécie: qual o papel de nossa espécie de *homo sapiens sapiens* na evolução da vida e da consciência?

Para dar respostas à crise atual é valioso conhecer como evolui o ser humano, com seu corpo, mente e pensamentos, consciência, sentimentos, emoções, suas motivações e necessidades, desejos, valores e crenças, interesses e estágio de evolução, bem como as energias ou forças que impulsionam suas ações. É valioso compreender como ele se percebe e os seus múltiplos papéis.

O *homo sapiens sapiens* tem seu papel na evolução e influi nela de forma cada vez mais intensa, para o bem ou para o mal. Numa perspectiva que ressalta seus aspectos negativos, é visto como agente enfraquecedor, deteriorador, degradador dos sistemas de vida, um produtor de desertos; um pecador, em tradições religiosas. Ele é o grande predador, o anjo exterminador de outras espécies vivas e pode ser visto como um parasita, que suga a Terra que o hospeda. O ser humano é visto como aprendiz de feiticeiro, ao liberar forças que não sabe controlar. James Lovelock⁹ o define ora como o engenheiro de manutenção do planeta, ora como um delinquente juvenil, pela irresponsabilidade que demonstra em suas ações; Tim Flannery¹⁰ nos chamou de senhores do clima, ao constatar que nossas ações estão causando as mudanças climáticas. Nossa espécie tem força e energia para transformar as paisagens naturais. Liberou energias poderosas para a transformação material e física do planeta. Tem sido um fator transformador de paisagens, no sentido de sua destruição e também na criação de novas paisagens.

⁸ Op.Cit.

⁹ Ver A Vingança de Gaia.

¹⁰ FLANNERY Tim. *Os senhores do clima*. São Paulo: Record, 2007.

O ser humano integra o mundo natural e compartilha uma base biológica comum com as demais espécies. Conhecê-lo a partir da abordagem eco-antropológica é essencial para compreender quem está transformando o planeta. O *Homo sapiens* mantém vários modos de relações ecológicas e interações com os demais de sua espécie, com outras espécies e com o planeta que o hospeda¹¹. Os tipos de relações variam das de parceria e cooperação às de antagonismo ou competição. A simbiose e o comensalismo são relações harmônicas. São desarmônicas as interações como a antibiose (princípio usado nos antibióticos, que matam ou inibem certos organismos vivos), o predatismo, o canibalismo, o parasitismo. Simbiose implica cooperação, convivência, coevolução do ser em seu ambiente, e reciprocidade mutuamente reforçadora.

Para superar a atual crise na evolução será relevante ecologizar as consciências e as práticas de vida. Isso implica em desenvolver relações harmônicas de simbiose e comensalismo e reduzir as relações desarmônicas de parasitismo e predação com quem atue em favor da vida e da consciência.

A aprendizagem é um dos caminhos para se avançar na consciência ecológica, ao reduzir as várias formas de alienação: a **ecoalienação** que ignora as conexões da vida pessoal com os sistemas de suporte que o abastecem com aquilo de que necessita; a **hidroalienação** pela qual as pessoas desconhecem o ciclo da água na natureza e no seu próprio corpo, a influência sobre seus humores e estados de espírito e a importância vital da água; a **psicoalienação** pela qual as pessoas ignoram o que é a sua própria consciência, e se sujeitam aos processos de manipulação social e cultural e aos condicionamentos, bem como as normoses¹² sociais antiecológicas que internalizam.

Para que nossa espécie continue sua aventura evolutiva, é necessário ecologizar sua relação com a Terra e com as demais espécies vivas, o que significa recuperar respeito e reverência pela natureza e aprender com as maneiras como ela atua.

Ecologizar é aplicar os conhecimentos das ciências ecológicas e da consciência ecológica a situações práticas no dia-a-dia de pessoas, empresas, organizações, sociedades.¹³ Ecologizar a sociedade é uma revolução silenciosa semelhante à que ocorreu com a informatização. Todos e cada um dos campos da atividade humana se informatizaram, a partir dos anos 1970, em ritmo crescente e

¹¹ Atualmente, há grande facilidade para compreender as relações no mundo natural, por meio do cinema, da televisão, das novas tecnologias da informação. Relações antagônicas aplicam estratégias astuciosas, de predação e mortes violentas. Ver, por exemplo, os programas na National Geographic ou a série Planeta Terra, da BBC, com quatro DVDs que mostram tais interações biológicas nos pólos, nas montanhas, na água doce, nas cavernas, nos desertos, nas grandes planícies, nas selvas, nas florestas sazonais, no mar raso, nos grandes oceanos.

¹² Para PIERRE WEIL "normose é o conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou de agir aprovados por um consenso ou pela maioria de uma determinada população e que levam a sofrimentos, doenças ou mortes; em outras palavras, que são patogênicos ou letais, e são executados sem que os seus atores tenham consciência desta natureza patológica, isto é, são de natureza inconsciente. As normoses são estágios ainda não percebidos pela sociedade como doenças, tais como as neuroses ou psicoses."

¹³ Para uma abordagem mais extensiva desse conceito e das múltiplas ecologias, ver *Ecologizar*, RIBEIRO (2009).

cada vez mais rápido: a indústria, governos e ONGs, os serviços, o comércio, os transportes, as comunicações, as profissões.

7.2. Diversidade de civilizações e culturas

Para além da consciência planetária está a consciência cósmica que abrange o sistema solar, a galáxia, o universo. A consciência cósmica é central na ética ecológica. O colapso de ecossistemas pode ser revertido por meio da ação correta, baseada em cosmovisão que proponha mudanças culturais de valores, estilos de vida e padrões de consumo. Nesse contexto da consciência cósmica e de consciência de espécie, pode-se avaliar o papel das sociedades e das civilizações e, entre elas, as civilizações asiáticas.

No passado, na Ásia se desenvolveram civilizações e tradições diversificadas, que têm um lastro de conhecimentos e de aprendizagem sobre a relação com a natureza e a terra. Esses conhecimentos podem ser valiosos no mundo do século XXI em busca de sustentabilidade. Do passado das civilizações asiáticas podem-se extrair inspirações e sabedoria utilizável na nova civilização planetária do século XXI.

Sociedades milenares, podem ser fontes de valores, informações, conhecimento e sabedoria essenciais para ajudar a criar uma base sólida para a civilização ecológica e socialmente sustentável do futuro, em substituição ao atual modelo insustentável.

Nesse contexto, cabe conhecer o papel das religiões. Elas são fatos antropológicos que geram intensa energia individual e social e que modelam comportamentos. No seu livro “A vingança de Gaia”, James Lovelock diz que “Os fundadores das grandes religiões do judaísmo, cristianismo, islamismo, hinduísmo e budismo viveram em épocas quando éramos bem menos numerosos e vivíamos de um modo que não sobrecarregava a Terra.” “Nossas religiões ainda não nos deram as regras e orientações para o nosso relacionamento com Gaia. O conceito humanista de desenvolvimento sustentável e o conceito cristão de direção são maculados por uma arrogância inconsciente.” E completa: “Meu desejo há muito tempo é que as religiões e os humanistas seculares se voltem para o conceito de Gaia e reconheçam que os direitos e necessidades humanos não são suficientes. Os religiosos poderiam aceitar a Terra como parte da criação de Deus, protegendo-a da profanação.” Thomas Berry propõe: “a educação e a religião, especialmente, deveriam despertar nos jovens uma consciência do mundo no qual eles vivem, como ele funciona, como o humano se encaixa na comunidade mais ampla da vida, o papel que os humanos preenchem na grande história do universo, e a consequência histórica dos desenvolvimentos que moldaram nossa paisagem cultural e física.”¹⁴

Em religiões politeístas ou panteístas, os próprios deuses assumem fisionomia e aspectos animais: no hinduísmo, *Ganesh*, homem e elefante; *Nandi*, o boi sagrado de Shiva; *Hanumam*, o macaco; a serpente *Subramanian*, o pavão. A sacralização dos animais e a prática da não violência, ou *ahimsa*, refletem o tipo de relação homem – natureza, tradicional no Oriente.

As tradições espirituais que creem na reencarnação, em geral, valorizam o ambiente natural – ambiente que, nas próximas encarnações, será palco da vida e que precisa, portanto, ser preservado, ainda que por autointeresse. Essa crença tem efeitos ambientais positivos e ajuda a preservar o ambiente onde serão vividas as

¹⁴ Thomas Berry, *The Great Work*, pg 71.

vidas futuras. A crença na reencarnação e nos grandes ciclos ou *yugas*, que se repetem, remete a uma macrovisão da vida, condizente com o respeito à natureza.

A ecocivilização depende de mudança de padrões de consumo material para que se reduza a pressão sobre os recursos da natureza e a destruição ambiental. Para se transformar esses padrões, é essencial a revisão de valores sobre os quais se assentam as noções básicas de felicidade e sucesso que impulsionam a ação individual e coletiva.

Diante da perspectiva de colapso da civilização será crucial a expansão da consciência humana, pois o ser humano, com suas atividades, tornou-se um gestor da evolução. Os seres humanos, com sua tecnologia e cultura podem alterar o rumo da evolução da vida no planeta, da evolução do planeta e sua própria evolução, do *homo sapiens* a um ainda virtual *homo oecologicus*.

Caminhar em direção a uma federação planetária ecologizada é um campo promissor, pois leva a tomar a Terra como unidade política básica à qual devem estar submetidos os interesses nacionais e regionais específicos.

7.3. O Brasil e as civilizações asiáticas

O Brasil já recebeu migrantes de vários países asiáticos, tais como a China, o Japão, a Coreia, a Síria, o Líbano. Há afinidades ecológicas e climáticas do Brasil com vários países da Ásia e essas semelhanças podem sugerir modos de relação com a natureza e de apropriação de seus recursos de modo ecologicamente amigável, como souberam fazer diversas das sociedades asiáticas em seu processo de interação e de contato com outras civilizações.

No Brasil, há necessidade de se aprofundar no conhecimento, no investimento intelectual, científico, tecnológico, cultural e no intercâmbio com cada uma daquelas sociedades. Ainda existe um déficit que vem sendo suprido por meio da intensificação das relações com os BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China), os BASICs (Brasil, África do Sul, Índia) e a cooperação sul-sul. Nesses fóruns abrem-se novas perspectivas de intercâmbio e de cooperação para dar respostas aos problemas comuns de escala planetária. No campo da pesquisa, do conhecimento, da cultura, da educação e das artes, é preciso reforçar tais intercâmbios por meio de pesquisas, bolsas de estudo, publicações, e outras formas de comunicação e de expressão.

Para o cientista político norte-americano Samuel Huntington, o futuro será moldado pelas interações entre as principais civilizações: ocidental, confuciana (China), japonesa, islâmica, hindu (Índia), eslavo-ortodoxa (Rússia), latino-americana e africana. As relações bilaterais entre elas são mais conflituosas ou menos conflituosas, conforme mostra a figura 5. Em sua visão, a civilização latino-americana relaciona-se fortemente apenas com a ocidental do Atlântico norte (América do Norte e Europa) e não tem vínculo significativo com as demais. O Brasil seria, nessa percepção, parte da civilização latino-americana.

Figura 5 -

ANDRÉS, Maria Aparecida. *Pepedro nos caminhos da Índia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

ARIAS, Juan. *El drama de una China sin agua*, 3 de agosto de 2012.

ARORA, Harbans Lal. *Ciência moderna sob a luz do yoga milenar*. Fortaleza: ACEPY, EUFC, s/d.

AUROBINDO, Sri. *Tales of prison life*. Pondicherry: Sri Aurobindo Ashram Trust, 1997.

_____. *Complete works*. Pondicherry: Sri Aurobindo Birth Centenary Library, 1976.

BESANT, Annie. *Dharma*. São Paulo: Pensamento, s/d.

BHAGAVAD Gita; canção do Divino Mestre. Trad. Rodrigo Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CAPRA, Fritjof. *O Tao da física*. São Paulo: Cultrix, 1983.

Constituição para a Federação do Planeta Terra. Brasília: Fundação Cidade da Paz, 1992.

DANIÉLOU, Alain. *Hindu polytheism*. New York: Bollingen Foundation, 1964.

DE GOLISH, Vitold. *Trésors de l'Inde*. Paris: Hachette, 1966.

DISKIN, Lia. *Índia: desafios filosóficos de uma nação pluricultural*. (Palestra apresentada no Encontro Índia-Brasil, Belo Horizonte, 10 de dezembro de 1993.)

GANDHI, Mahatma. *Lettres à l'âshram*. Paris: Albin Michel, 1971.

_____. *Diet and diet reform*. Ahmedabad: Navajivan Publishing House, 1949.

_____. *El camino del socialismo*. Buenos Aires: La pléyade, s/d.

_____. *La base moral del vegetarianismo*. Buenos Aires: Editorial Central, s/d.

_____. *Mi credo hinduista*. Buenos Aires: Dédalo, s/d.

_____. *Mi dios*. Dédalo, Buenos Aires, s/d.

GOHN, Carlos Alberto. *Tradutores e avatares: Sri Aurobindo e Mário de Andrade*. In: VIEIRA, Else Ribeiro Pires & BENN-IBLER, Veronika (Ed.). *Culturas e signos em deslocamento*. Belo Horizonte: UFMG, 1995. P.88-91.

_____. *Sri Aurobindo; tradutor indiano*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 1994. 324p. (Tese de doutorado em Estudos Linguísticos)

HEARD, Gerald. *Vedanta for the western world*. London: Unwin Books, 1975.

HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

JAYAWEERA, Neville. *Value premises underlying the development concept; the choices open to asian societies*. Sri Lanka: Marga Institute, 1976.

- KRISHNAMURTI, J. *A eliminação do tempo psicológico; diálogos entre J.Krishnamurti e David Bohm*. S.Paulo: Cultrix, 1995.
- LAPA, José Roberto do Amaral. *A Bahia e a carreira da Índia*. São Paulo: Edusp/Cia. Editora Nacional, v.338, 1968. (Coleção Brasileira)
- LEMAITRE, S. *Hinduísmo ou Sanatana Dharma*. São Paulo: Livraria Editora Flamboyant, 1958.
- LOVELOCK, James. *A vingança de Gaia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Brasília: Cortez/UNESCO, 2000.
- MORIN, Edgar. *O Grande Projeto*. Revista Análise e Conjuntura, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, v.3, n.2, p.23, maio-ago. 1988.
- NOTTINGHAM, Elizabeth K. *Religion and society*. New York: Doubleday, 1954.
- PATEL, A.B. *Towards a new world order*. Pondicherry: World Union International, 1974.
- PAZ, Octavio. *Vislumbres da Índia; um diálogo com a condição humana*. São Paulo: Mandarim, 1995.
- PRABHAVANANDA, Swami. *The spiritual heritage of Índia*. Holywood: Vedanta Press, 1979.
- RADHAKRISHNAN. *A visão hindu da vida*. Rio de Janeiro: Edições MM, 1971.
- RAMAKRISHNA. *Yoga: its various aspects; Gita on Karma Yoga*. Madras: Sri Ramakrishna Math Printing Press, s/d.
- RIBEIRO, Maurício Andrés - *Tesouros da Índia para a civilização sustentável*. Belo Horizonte: Santa Rosa Bureau Cultural, 2003.
- _____. *Ecologizar*. Brasília: Editora Universa, 2009. Trilogia
- _____. *Habitat and Technology Transfer*. Bangalore: Centre for Habitat and Environmental Studies, Indian Institute of Management, 1978. 153p. (Monografia, Especialização em Administração).
- RIBEIRO, Maurício Andrés & MISCHÉ, Patrícia M. Ecological security and the United Nations system. In: ALGER, Chadwick F. *The future of the United Nations system; potential for the twenty-first century*. Tóquio: The United Nations University Press, 1998.
- SACHS, Ignacy. *Estratégias de transição para o século XXI; desenvolvimento e meio ambiente*. São Paulo: Studio Nobel/Fundap, 1993.

_____. *Espaços, tempos e estratégias de desenvolvimento*. São Paulo: Vértice, 1986.

_____. *Ecodesenvolvimento; crescer sem destruir*. São Paulo: Vértice, 1981.

SATPREM. *The mind of the cells or willed mutation of our species*. New York: The institute for Evolutionary Research, 1982.

_____. *Sri Aurobindo or the adventure of consciousness*. Pondicherry: Sri Aurobindo Ashram Trust, 1968.

SMITH, E. Lester. *Intelligence came first*. London: The Theosophical Publishing House, 1975.

TAGORE, Rabindranath. *Nationalism*. Delhi: Macmillan, 1976.

THAPAR, Romila. *A history of India*. London: Penguin Books, 1966.

VIDAL, Gore. *Criação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

VIVEKANANDA. *Swami Vivekananda on India and her problems*. Calcutá: Advaita Ashrama, 1976.

VITSAXIS, Vassilis G. *Hindu epics, myths and legends*. New Delhi: Oxford University Press, 1979.

ZIMMER, Heinrich. *Filosofias da Índia*. São Paulo: Palas Athena, 1986.

WEIL, Pierre. Valores éticos em ciência e tecnologia. In: *Ética e tecnologia, até onde podemos ir?* Brasília: Unipaz, 1989. (Apostila)

WILBER, Ken. *Espiritualidade integral*. São Paulo: Editora Aleph, 2007.

WORLD CONSTITUENT ASSEMBLY. *A Constitution for the Federation of Earth*. Auroville: Auropress Auroville, 1977.